REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 4, n. 2, jan-jul. 2018.
Missões

A TRANSPARÊNCIA NO ACONTECIMENTO COMUNICACIONAL

TRANSPARENCY IN THE COMMUNICATIONAL EVENT

Caroline Surdi Lanhi[1]
Camila Bini Pereira Rosa[2]

Resumo: Acompanhamos a eclosão de um Acontecimento comunicacional (a divulgação de fotografias sobre os centros de detenção de imigrantes ilegais nos Estados Unidos) buscando perceber se o conceito de comunicação da chamada Nova Teoria da Comunicação, instaurada por Ciro Marcondes Filho, inclui a experiência da transparência. Apoiamo-nos na contribuição de Dominique Wolton para caminharmos na discussão, tomando os dois conceitos – comunicação e transparência – como pertencentes à ordem do movimento.

Palavras-chave: Comunicação; Transparência; Imagem; Movimento; Acontecimento.

Abstract: We have followed the outbreak of a communicational event (the publication of photographs about the detention centres of illegal immigrants in the United States) in order to try to understand whether the concept of communication in the so called New Communication Theory, established by Ciro Marcondes Filho, includes the experience of transparency. Through this discussion, we rely on Dominique Wolton's contributions, taking both concepts – communication and transparency – as belonging to the order of movement.

Keywords: Communication. Transparency. Image. Movement. Communicational Event.

COMUNICAÇÃO

Existem sinais. Que podem se tornar informação quando uma pessoa lhes seleciona, quando se permite ser afetada por eles e abre espaço para que se transfigurem em informação – um sinal cujo sentido passa a ser real para alguém. Informação, assim, resulta de uma movimentação que o indivíduo realiza racionalmente, intencionalmente. E, geralmente, partindo de significados e sentidos já familiares, que endossam pontos de vista já existentes, que fortalecem crenças ou ideias presentes no mundo interior daquela pessoa.

Comunicação é de outra natureza. Pressupõe um choque: a pessoa é comunicada. Algo fala com ela, afeta-a, mexe internamente, tirando-lhe daquele ambiente familiar e levando-a a

[1] Mestranda da pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (FAC-UFMT) e membro do Grupo de Estudos Multimundos Brasil. E-mail: caroline.lanhi@gmail.com
[2] Mestranda da pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (FAC-UFMT) e membro do Grupo de Estudos Multimundos Brasil. E-mail: camilabinipr@gmail.com

pensar. É um Acontecimento, raro, improvável, mas possível. Basta que haja disposição de alguém para ser comunicado, basta que esse indivíduo esteja aberto a experimentar esse fenômeno – que não raro começa na ordem do sensorial, numa manifestação estética, para então alcançar níveis mais racionais.

> A comunicação, em primeiro lugar, é algo que *violenta* o pensamento, como diz Deleuze. Ser violento aqui é nos forçar a pensar, e as coisas que nos fazem pensar, diz o filósofo, são mais importantes que o próprio pensamento. (...) Comunicação realiza-se, assim, plenamente e acima de tudo, como um fenômeno estético, no sentido da *aisthesis*, enquanto relação sensível com o mundo. (...) Por isso, Deleuze fala também nas impressões que nos forçam a olhar, nos encontros que nos forçam a interpretar (MARCONDES FILHO, 2010, p. 10).

Essa concepção de comunicação como uma experiência, como um Acontecimento, vem da Nova Teoria da Comunicação de Ciro Marcondes Filho (2010) e coloca em cheque paradigmas teóricos ainda hoje predominantes que tomam o processo comunicacional como algo de natureza material e linear, em que algo é transportado de alguém para outro. Não. Nesta abordagem, comunicação está no campo dos movimentos, na esfera do acontecer: uma vivência real que provoca sensações, pensamentos, ideias e dúvidas em quem está sendo comunicado. Um livro, uma notícia, uma pintura, um filme, podem comunicar. Uma pessoa também. Uma lembrança, um cheiro, uma música. Basta que provoque naquela pessoa esse movimento de turbilhão que incomoda, aflige, tira do chão, leva-a a questionar. “E se”?

> Conceber a comunicação como um acontecimento (movimento, fluxos, forças e vetores), assim como a questão do sentido enquanto extra-ser, exprimível, e sua investigação no contexto das tecnologias atuais, é certamente o problema filosófico mais sério com o qual o mundo hoje se depara (MARCONDES FILHO, 2010, p. 66).

Assim, temos um contexto contemporâneo tal em que a comunicação – como Acontecimento – é rara. Predominam os efeitos sinalizador e informativo nos ambientes de “comunicação”. A conversa no elevador; o emoji enviado pelo Whatsapp; o cumprimento na entrada do trabalho; o e-mail recebido do colega; a ligação da mãe; a música no rádio do carro: sinais, informação, que preenchem nosso dia, mas que improvavelmente nos comunicarão. Mesmo os esforços da chamada mídia de grande difusão soam inoperantes, acumulando textos e sinais numa atmosfera já repleta de estímulos que, ao não nos comunicar, fortalecem a sensação de excesso sem significado.

> A incomunicabilidade é produzida pelos próprios meios de comunicação que, criando um mesmo mundo para todos, um mundo viciado nos mesmos temas, nas mesmas

> formas de ver, na mesma sensibilidade, nos torna a todos "congruentes". Repete-se infinitamente o mesmo, são as "matrizes", que sistematicamente são postas em circulação através da serialidade e na repetição infinita do mesmo. O monólogo coletivo cria uma situação tal que ninguém tem mais nada a trocar com o outro, pois todos partilham das mesmas emoções, sensações, percepções de mundo, tornando-se, assim, emudecidos (MARCONDES FILHO, 2010, p. 36).

O acesso mais facilitado a um volume maior de informações, garantido pela (oni)presença da tecnologia da informação, principalmente nos ambientes digitais, não estaria reduzindo o caminho rumo à comunicação como Acontecimento. Pelo contrário. A qualidade esperada como resultante da quantidade ainda não estaria sendo percebida.

TRANSPARÊNCIA

Se a comunicação é rara, tampouco a transparência – tão pregada no contexto político-social – vem sendo alcançada diante do atual fluxo de conteúdos que temos hoje à disposição. O aumento vertiginoso de informações está ancorado no avanço das tecnologias da informação e da comunicação, que permitem que qualquer pessoa produza conteúdo, fale e exponha sua opinião. Tudo isso em um universo em rede, compartilhado e sem fronteiras, sendo possível estar no Oriente e no Ocidente ao mesmo tempo. E sim, isso é muito bom. Com tantos dados à disposição nessa rede, poderíamos dizer que a transparência seria proporcional, afinal todas as cartas estariam na mesa. Entretanto, a transparência – tão idealizada desde os primeiros movimentos de modernização – é mais complexa do que parece.

O ideal da transparência surge com o Iluminismo como forma de oposição a tudo aquilo que é obscuro, opaco, que está em segredo. No período medieval, não tínhamos a concepção de público e privado, sendo assim não havia o que ser tornado público e chegar ao público, contexto este que se transformou a partir da mudança estrutural da esfera pública, das ideias de liberdade e emancipação do indivíduo, da valorização da razão e separação Igreja-Estado. A transparência, no sentido de tornar visível, em contraposição ao segredo, é tomada como valor democrático, como proferiu Kant (apud BOBBIO, 2017, p.53) no século XVII: "todas as ações relativas ao direito dos outros homens cuja máxima não suscetível de se tornar pública são injustas".

No contexto do século XXI, de produção e compartilhamento de dados em larga escala a partir da internet, podemos dizer que alcançamos a transparência? Wolton (2004) nos diz que não – se é que um dia conseguiremos atingi-la. Isso porque informação não basta para criar conhecimento; nem a instantaneidade e a interatividade proporcionada pelas técnicas de

comunicação conseguem sozinhas e de maneira tão veloz resolver os problemas políticos e sociais (WOLTON, 2004). O ideal de que a internet atua como "motor" da democracia é questionado pelo autor, uma vez que não se pode reduzir o poder democrático apenas pela informação, já que este depende também das experiências humanas e sociais.

A extraordinária abertura de um espaço de informações interativas pela internet não altera fundamentalmente a relação bastante complicada dos indivíduos com a cadeia de informação-poder-segredo-boato. Também aí a performance técnica não basta para mudar a relação do homem com o poder e com a informação (WOLTON, 2011, p.35).

O que temos hoje é a vitória da informação sobre a comunicação (WOLTON, 2004). Não que elas sejam concorrentes entre si, pelo contrário: a comunicação depende da informação. Acontece que nesse desequilíbrio, onde triunfa a informação, sobra pouco para comunicar. Podemos estar a par do que acontece no mundo todo, trocar informações, imagens, tudo em tempo real, mas sem tempo para compreender, refletir, permitirmo-nos ser afetados pelo fato a ponto de alcançar o Acontecimento comunicacional, de sermos transformados. Temos no horizonte o que Wolton (2011) chama de incomunicação, que nos obriga a repensar a relação informação-comunicação.

A transparência, então, é da ordem da comunicação e não somente da informação, como se pode presumir. Está ligada àquilo que é tornado público e para o público, realizando-se no movimento, na dinâmica da troca entre os sujeitos envolvidos e na mediação. É como a luz que atravessa os vitrais. Vê-se através deles e, nessa dinâmica de enxergar o que está do outro lado, Perniola (2010, p. 107) identifica o que para ele é uma das principais características do que é transparente: o movimento. Assim, essa qualidade conferiria à transparência uma natureza "intermediária".

Enquanto a informação está relacionada à mensagem e à transmissão (modelo hierárquico, linear), a transparência se constitui em um movimento dialógico, interativo e não-hierárquico, de alteridade (JARDIM, 1999). Tanto que, segundo o autor, ela se revela na ação: acessar algo ou alguém, participar de algo, conhecer, desvendar, ir além do que se vê.

A transparência é, de início, a revelação, a nudez, o acesso a algo habitualmente escondido, o penetrar no mistério de um corpo estrangeiro, ter o Outro sob seu olhar, roubar-lhe o segredo da sua intimidade. Mas a transparência é também o apaziguar da ansiedade resultante do contato com o que é desconhecido, inacessível, impenetrável, a eliminação do medo face à obscuridade, o negro, a opacidade... (CHEVALIER apud JARDIM, 1999, p. 56).

Se analisarmos do ponto de vista do jornalismo, por exemplo, percebemos que à medida que busca desvendar questões obscuras, fiscalizar os poderes instituídos, guardar os ideais

democráticos, ele, o jornalismo, se aproxima do ideal da transparência. Pena (2006, p.23) afirma que a natureza da atividade jornalística está no medo do desconhecido e é justamente o medo que leva o homem a querer conhecer esse outro lado que o amedronta. Assim, "ele acredita que pode administrar a vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante do meio ambiente".

Ou seja, assim como a comunicação, a transparência está no campo do sensível, da experiência, da apropriação social e formação de sentido. Além disso, tanto uma quanto a outra bebem na fonte da democracia e da dialogia, pois consideram o outro não apenas como um ouvinte, mas como interlocutor, participante ativo, que faz escolhas e participa.

FATO

Poucos dias após o presidente norte-americano, Donald Trump, apertar as mãos do ditador norte-coreano Kim Jong-un publicamente e à frente de câmeras de todo o mundo, o assunto "da hora" mudou. A ameaça nuclear foi substituída pela ameaça de separação de pais e filhos em situação ilegal como imigrantes em terras americanas. Bastou uma fotografia, de baixa resolução e aparentemente sem autor identificado, para modificar não apenas o tema, mas o clima em torno da Casa Branca.



Figura 1: Menino imigrante chora dentro de jaula. Crédito desconhecido.

Um menino, de uns cinco anos de idade, está chorando. Podemos ver que veste uma camiseta azul, tem os olhos rasgadinhos como vários latino-americanos e suas pequenas mãos seguram grades em uma espécie de jaula de metal. Ele não está só: é possível perceber que alguém – também jovem – calça um par de tênis vermelhos de cano alto, e a seu lado, existe uma silhueta com calça jeans e camisa vermelha, inidentificável. A legenda da imagem poderia ser feita facilmente apontando para aquela carinha de choro como sinal incontestável da dura e

fria política de Trump de separar crianças ilegais de seus pais também ilegais na terra do Tio Sam.

A foto viralizou. Rompeu fronteiras no Twitter, foi compartilhada no Facebook, virou meme. Tornou-se elemento essencial daquele junho de 2018, ajudando a constituir uma atmosfera de assuntos debatidos pelos veículos de comunicação de massa que Marcondes Filho denomina de "contínuo atmosférico mediático", e que afeta os indivíduos ao formatar uma arena de discussão generalizada, que, em última medida, poderá compor o Acontecimento comunicacional, como um Sentido generalizado e compartilhado por "todos".

O contínuo atmosférico é esse emaranhado de fatos da política, do esporte, das telenovelas (...) que duram 15 minutos ou 15 dias, às vezes semanas ou meses, mas são voláteis, etéreos, gasosos. (MARCONDES, 2012, p. 763)

De forma paralela, as agências internacionais de notícias publicavam números alarmantes, corroborando a crueldade captada pela imagem, e alimentando ainda mais o contínuo atmosférico mediático. De 19 de abril a 6 de junho, informou a Associated Press, 2.033 crianças foram separadas de seus pais quando entraram nos Estados Unidos pelos postos oficiais, que 'perderam o paradeiro' de outras 1.475 crianças. Um áudio com o choro de crianças de origem latino e centro-americanas chegou à rede, emocionando a quem o ouvisse: nele, as vozes infantis clamavam pelo pai, pela tia, por misericórdia. Posts em mídias sociais, notícias, desabafos de artistas e celebridades e memes revoltados emergiram, comparando os Estados Unidos à Alemanha nazista. Em seguida, circulou a reação emotiva de uma repórter de televisão, Rachel Maddow, da NBC, que fica sem condições de ler ao vivo a notícia sobre a criação de três abrigos exclusivos para crianças e bebês filhos de imigrantes ilegais.

E, então, uma nova foto aparece. Agora, é uma menina de agasalho vermelho que chora, olhando para a mãe sendo revistada pelo policial da imigração. O fotógrafo John Moore contou depois em detalhes para a imprensa mundial como foi aquele registro, que se tornou emblemático da situação atual dos migrantes nos Estados Unidos.



Figura 2: Menina chora enquanto a mãe é revistada na fronteira. **Crédito:** John Moore.

A movimentação da opinião pública e de políticos, principalmente democratas, oposicionistas a Trump, se intensificou nos dias seguintes. Houve visitas a centros de refugiados, com cobertura da imprensa e de organizações não-governamentais. As grandiosas áreas destinadas à "triagem" dos imigrantes ilegais tornaram-se então conhecidas: enormes galpões, alguns anteriormente ocupados por redes varejistas como Walmart, em cujo interior as pessoas estavam sendo separadas em grandes estruturas metálicas – parecidas com jaulas ou gaiolas. Como os adultos geralmente são imediatamente detidos quando se constata a ilegalidade da imigração, é nesses "canis" – outro nome dado pela imprensa mundial – que estavam sendo mantidas as crianças.

A movimentação foi grande, e levou a gestão Trump a liberar fotografias 'oficiais' mostrando como eram, "de fato", as estruturas para imigrantes.



Figura 3: Interior de centro de detenção no Texas. **Crédito:** Us Customs nnd Border Protection.

No dia 20 de junho, oito dias após o aperto de mãos entre Trump e Jong-um, a Casa Branca liberou uma ordem executiva garantindo que não haveria mais separação entre pais e filhos que entrassem ilegais nas fronteiras do país. O tom "linha dura" da legislação norte-americana continuou, mas a nova lei pode ser considerada um passo para trás dado por Trump em sua política de imigração. Em um olhar retrospectivo, seria possível dizer que não fosse a eclosão daquelas duas imagens, do choro registrado em imagem e áudio das crianças, talvez a legislação não tivesse mudado. Mas o que não se pode dizer é que o caso acima descrito é exemplo do poder da transparência no noticiário jornalístico, e por um motivo muito simples: as fotos não reproduziram, de forma transparente, a realidade que, em tese, capturaram.

O FALSO

A primeira imagem, do menininho enjaulado, em prantos, era "fake". O choro era real, sim; ele realmente segurava nas grades; mas, o contexto era totalmente outro. A fotografia foi tirada em 2014, na gestão do democrata Barack Obama, e a cena era um ângulo selecionado de um cenário maior: uma manifestação que reproduzia as unidades de triagem de imigrantes que já funcionavam com aquelas estruturas metálicas muito parecidas com jaulas. Havia grades, mas como *cenário* de uma ação política que encenava a realidade. Houve choro, mas não em função de uma criança ter sido separada de seus pais, mas sim por algum motivo outro que as lentes fotográficas não podem transparecer. Talvez um "pito" do pai, birra, fome, cansaço: não saberemos.



Figura 4: Manifestação contra centros de detenção em 2014. **Crédito:** Desconhecido.

A segunda foto, produzida por um fotógrafo profissional, foi usada para a montagem da capa da revista Times de julho (que, embora tenha sido divulgada entre os dias 20 e 24 de junho, teve data de circulação de 2 de julho de 2018). Nela, vemos a garotinha de agasalho vermelho olhando em prantos para o presidente Trump, que a olha do alto. Rodou o mundo inteiro, seja em sua versão na íntegra, seja reproduzida em algum de seus detalhes.



Figura 5: Reprodução da capa da revista Time em sua edição de julho. **Crédito:** Getty Images.

Dias após a publicação da na revista, Javier Varela Hernandez, um hondurenho de 32 anos, declarou a agências de notícias internacionais que sua filha, Yanela, de dois anos (que havia sido fotografada por John Moore), e a esposa, Sandra, estavam juntas, sob custódia das autoridades norte-americanas no Texas. O fotógrafo John Moore, que há anos acompanha a dinâmica da imigração nas fronteiras dos Estados Unidos, declarou para a imprensa que o clique foi feito no instante em que Yanela sai do colo de Sandra e vai para o chão, enquanto a mãe era revistada.

As imagens, neste caso, ecoam uma cruel realidade imposta pela legislação de imigração norte-americana, mas não se pode afirmar que sejam transparentes – que registram de forma clara o contexto que reproduziram e o sentido que fizeram ecoar. Não podemos desconsiderar a situação – delicada – que experimentam as famílias de imigrantes recém-chegados à América, mas é possível questionar até que ponto a opinião pública foi induzida a um debate internacional impulsionada por um conteúdo – se não "fake" – ao menos indicativo de uma situação diferente da que originalmente pretendia registrar.

O Acontecimento comunicacional, conforme o preceitua Marcondes Filho, ocorreu. Nesse episódio, houve uma movimentação por parte dos veículos de comunicação – e das mídias sociais, o que nos leva a observar que, então, também indivíduos participaram dessa movimentação – em torno do tema "imigração ilegal nos Estados Unidos". Por alguns dias, novos conteúdos foram sendo somados à atmosfera de debate, ampliando a intensidade e a temperatura desse ambiente mediático. A descoberta de que a primeira foto era uma reprodução de uma realidade vivida há quatro anos, foi o choque que levou os envolvidos – certamente, não todos, mas aqueles mais detalhistas na curiosidade – a perceber que sim, a política radical de Trump merece críticas; mas a discussão existe há pelo menos quatro anos. E, para os comunicadores envolvidos, a constatação de que está cada vez mais difícil discernir o fato do fake e também alcançar a transparência idealizada no relato do real cotidiano.

> A dinâmica das múltiplas adesões àquilo que vai se tornando assunto de debate generalizado, pelo fato de constituir identidades, gera um evento que, enquanto fato macrossocial, levará à constituição de um Sentido amplo, difuso, compartilhado, generalizado. Nesse momento, a comunicação irradiada para massas constrói o Acontecimento coletivo, genérico, partilhado por todos, pleno de energia. Se ele tem condições de mexer com instâncias assentadas e transformá-las, vai se tornar, daí então, comunicacional (MARCONDES FILHO, 2010, p. 166).

A comunicação, que pressentimos ter havido[3], porém, não permite que afirmemos que, neste contexto, havia transparência. Vivendo o Acontecimento em seu desenrolar, o que percebemos é que há um movimento que permanece, alterando sentidos possíveis e levando nossa atenção para lá e para cá. Difícil sentenciarmos algo de forma conclusa – temos a sensação de que as imagens transparecem, sim, uma realidade crítica que deve ser de conhecimento e de preocupação de todos; mas, quanto mais nos aproximamos da origem das imagens, mais dúvidas e questionamentos eclodem. Aquelas fotografias, tão límpidas, tão tangíveis, tornam-se, dia a dia, mais duvidosas para nós, agora leitores dessas imagens tão contemporâneas.

> Gunther Anders chama a atenção para o fato de o homem contemporâneo, após a TV, viver no paradoxo de ser e não ser ao mesmo tempo, de tomar o real por irreal e o irreal por real, de ver o aparecimento único apenas da perspectiva da série, de estar sempre oscilando entre atividade e passividade, sem ser nenhum dos dois. A isso ele chama *medialidade*. Estamos sempre no meio, nem em um, nem em outro, permanente inconstância, situação da eterna contingência, instabilidade essa que tem repercussões flagrantes no agir político (MARCONDES FILHO, 2010, p. 125).

Uma das leituras possíveis é a de que, como neste caso, o papel de alerta desempenhado pelo jornalismo acaba operando em um duplo sentido. Mesmo mantendo-se como guardião dos ideais democráticos e atuando como fiscalizador do Poder Público e da sociedade, o jornalismo não estaria também sendo apenas uma engrenagem conservadora do sistema, que, ao fazer soar o alarme, transmitiria a mensagem de que – mesmo quando algo falha, o caos se manifesta, a desordem se torna visível, algo precisa mudar – estaria "tudo dentro da ordem"? Afinal, nossos olhos (eternamente vigilantes, acessíveis a um clicar de mouse) estão a postos para nos garantir de que, hoje, é tudo transparente.

> O mecanismo, apesar disso, funciona para estabilizar o sistema, pois sugere que "medidas são ou serão tomadas", que se está vigilante, que há um acompanhamento das ocorrências preocupantes. Segundo Niklas Luhmann, não são as notícias ou os assuntos, propriamente ditos, que atribuem significado ao mundo (na nossa terminologia: *sentido* ao mundo), mas o fato de essas notícias e esses temas produzirem condensações e "identidades", isto é, remissões automáticas a outras generalizações (MARCONDES FILHO, 2010, p. 135).

CONCLUSÃO

[3] Conforme nos aponta o quase-método de investigação da comunicação criado por Marcondes Filho (o metáporo), podemos certamente afirmar que um Acontecimento Comunicacional ocorreu nas autoras do presente artigo, pois as duas observaram, sentiram, pressentiram, viveram e experimentaram o processo comunicacional em seu desenrolar. A afirmação a respeito de terceiros iria demandar uma outra abordagem frente ao objeto, que não era o objetivo principal deste estudo aqui relatado.

Sabemos que há sinais, pode haver informação e, em determinadas situações, comunicação. Concebida em uma abordagem revolucionária, que obrigatoriamente associa seu acontecer com uma mudança de ideias, de pensar – uma parada reflexiva que leva à uma ação de modificação –, a comunicação geralmente é acompanhada pela emergência de um "Outro" ou de um "novo" que nos violenta com a sua verdade e a sua expressividade, tirando-nos do campo firme daquilo que já sabemos para nos jogar na areia movediça do desconhecido, do não visto.

Esse movimento, que se dá em microssegundos, é um processo que pode nos aproximar do conceito de transparência – quando conseguimos, apesar de todas nossas percepções já instaladas, "enxergar o Outro", atravessando e recompondo a realidade em que estamos imersos – entendida aqui como o mundo da vida de cada um, aquele que, conforme Schütz (apud GARCIA, 2010), é o cenário e o objeto de nossas ações e interações, onde as experiências se desenrolam.

Quando, no episódio relatado, percebemos a fragilidade da origem das imagens que desencadeiam uma nova "agenda" no contínuo atmosférico mediático neste junho de 2018; quando passamos a questionar a "realidade" e a "sinceridade" daquelas fotografias que inundam sua realidade mais próxima; quando compreendemos que a foto trágica do choro de um menino separado de seus pais por ter cruzado uma fronteira sem os documentos necessários não é "de hoje", não é resultado da ação condenável de Donald Trump – nesse momento, nesse rápido ínterim, há um movimento de transparência, de caída do véu. Enxergamos o "real" que o "Outro" nos traz, apesar de todas as nossas resistências, apesar de nossas lentes, de nossos óculos escuros. Vislumbramos algo até então impensável, invisível, imprevisto. Esse segundo – esse momento – libera uma expressão de transparência que constitui o Acontecimento comunicacional, que constitui a nossa revisão de tudo aquilo que já está fixo e seguro em nós.

Assim, mesmo que seja improvável prever ou antecipar quando algo nos comunica, quanto mais dispostos (ou abertos) ao novo maior a probabilidade de sermos comunicados. O próprio movimento de buscar de informação junto à mídia também depende de estarmos desarmados para aquilo que virá. Só conseguiremos fazer o percurso da informação para a comunicação se houver disponibilidade para sermos afetados pelo acontecimento. Se estivermos vacinados diante de um fato, provavelmente ele não nos afetará para além do que já me impactou antes. Esse processo de abrirmo-nos para o Acontecimento constitui-se em um movimento contínuo, e não seria ilógico dizermos que esse mesmo movimento de abertura é uma busca pelo ideal de transparência.

A abertura é necessária para a emergência da transparência porque não há como acessar o Outro – seja ele um sujeito ou uma instituição – se ele estiver fechado em si, se não permitir ser visto. Há uma busca para ver além do que está ao nosso alcance, tal como ocorre com o medo do desconhecido (PENA, 2006), levando o homem a querer conhecer esse lado obscuro que o assusta, como forma de sobrevivência em seu mundo. É nato: precisamos conhecer nosso mundo para sabermos até onde podemos ir. A transparência está na necessidade de desvendar o que há por trás daquilo que vemos como real. Afinal, o real existe para as pessoas e não é questionado: eu existo, você existe, a cidade existe, o governo existe, isso é real. Buscar o que está por detrás do real é um exercício filosófico, científico.

Observamos assim a existência de dois pontos cruciais na relação acontecimento-transparência: 1) o movimento de abertura para o novo, essencial para que o sujeito seja afetado e que o acontecimento "aconteça" a ele; 2) e um segundo movimento intencional, de querer ver além do real, além daquilo que está posto, de questionar. Analisando sob esse viés, a transparência tem relação com a intencionalidade do olhar, com o grau de conhecimento sobre o objeto da transparência. Ou seja, a ocorrência da transparência está mais *em quem olha* e menos em quem se mostra.

Na comunicação, há que haver transparência – nem que uma nesga. Para que nós sejamos comunicados, será preciso que algo "transpareça", atravesse aquele estado de coisas que nos contextualiza para que, com o Acontecimento comunicacional, emerja algo diferente. Fomos afetados: dá-se o choque. Mas será preciso transparência para que nós possamos inclusive absorver, sentir, pensar o que significa e implica esse choque. Da *violência* da comunicação, passamos para um momento (talvez imperceptível) de desejo pela transparência, pela compreensão daquilo que nos afetou, pela recepção daquele diferente.

Mas por pouco tempo. Por mais que traga luz, que nos ilumine, esse momento tão fugaz de transparência logo cessa, em seguida assume outra configuração, continua vivo e, portanto, propenso a outras composições. Não raro, aquilo que nos comunicou – aquilo que se tornou claro, lívido e transparente para nós – irá compor a nossa reelaboração de concepções, instalando-nos em um outro estado de coisas que se torna, então, familiar e seguro: o nosso universo particular de crenças, valores e ideias arraigados e fixos. Tudo isso para que, em algum momento depois, seja novamente violentado para uma outra troca de posicionamentos, para um novo fenômeno que entrará em ebulição para se tornar uma crença prestes a ser transfigurada. Um novo véu a ser retirado, uma outra sombra a ser clareada.

A volatilidade é essência do Acontecimento comunicacional. O movimento de sombra/luz, não saber/perceber, não/sim é contínuo, e compõe tanto a nossa realidade como a nossa experiência da realidade. Conforme mais e mais sinais entram em jogo, assim que nossas experiências, sensações e saberes continuam existindo, com novos conteúdos a cada momento, o fluxo corrente na atmosfera comunicacional permanece. É uma "recomposição contínua", explica Marcondes Filho.

> Os meios eletrônicos e a velocidade da produção de notícia interferem na lógica jornalística provocando uma espécie de "recomposição contínua", em que se constroem e se desconstroem o tempo todo. (...) Se existe uma manipulação, ela se dá pelo fluxo contínuo (Anders). Os fatos podem ser verdadeiros, mas o fluxo como um todo é falso. Isto é, não que o todo, o fluxo "seja falso", ele promove outra coisa, não mais a informação mas a vertigem (MARCONDES FILHO, 2010, p. 155).

Não são as fotografias, as informações, as notícias, os memes, as reações, as interpretações que nos chegam como falseados. Provavelmente, tudo é "real", em determinado contexto. Mas essa nova narrativa, produzida no e pelo contínuo atmosférico mediático – de forma caótica? – pelo coletivo de integrantes é uma construção. É uma (re)produção do real, é uma imagem do fato: não é o fato. Presos no papel de observadores, autores e consumidores de todo esse oceano de sinais, ficamos no meio do caminho, como que paralisados entre o solo e o céu, alcançando aqui e ali os vislumbres possíveis de luz (a transparência) e experimentando também as sombras que compõem o quadro maior. O que nos leva a repensar então a transparência – assim como a comunicação – como uma categoria fluida, em movimento, rara, mas possível.

Assim, não importa se a foto do menino chorando preso na jaula é real ou não. Se nos afetou e nos fez buscar se aquilo era real (quando vamos em busca de transparência), significa dizermos: fomos comunicados. Embora precisemos de transparência para chegarmos a uma compreensão maior do Acontecimento comunicacional, o fato que provocou esse fenômeno não precisa ser necessariamente verdade ou real. Mesmo sendo ficção, uma invenção, uma mentira, uma criação – mesmo assim, será um Acontecimento comunicacional.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Marta Rizo. **Los aportes del Pragmatismo de William James y la Fenomenología Social de Alfred Schütz a la Comunicación**. MATRIZes, São Paulo, v. 3, n.2, pp 221-235, jan./jun.2010.

JARDIM, José Maria. **Transparência e opacidade do Estado no Brasil: usos e desusos da informação governamental.** Niterói: EdUFF, 1999. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/editais/transparencia.pdf

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante: O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica**. São Paulo, Paulus, 2010.

_____. **Porque a Nova Teoria é uma forma diferente de pesquisar o jornalismo**. Revista Famecos. Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp. 759-774, set./dez. 2012.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Comtexo, 2006.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulina, 2011

_____. **Pensar a comunicação**. Brasília: UnB, 2004.